



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10.

GILBERTO RIBEIRO DO NASCIMENTO

GISLENE MARIA COSTA NASCIMENTO

IDIONE DOS SANTOS PEREIRA

IVANETE ALVES DA SILVA

KATY GISELLE NERES PEREIRA

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

BRASÍLIA

Jun/2005.

GILBERTO RIBEIRO DO NASCIMENTO

GISLENE MARIA COSTA NASCIMENTO

IDIONE DOS SANTOS PEREIRA

IVANETE ALVES DA SILVA

KATY GISELLE NERES PEREIRA

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB como parte das exigências para conclusão do Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10

Orientador: Renato Oliveira da Silva Júnior

**Brasília
Jun/2005.**

Dedicamos este trabalho a todas as pessoas que colaboraram direta ou indiretamente, para a realização do mesmo, especialmente às nossas famílias.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradecemos a Deus por tudo o que Ele tem proporcionado em nossas vidas, especialmente nosso aprimoramento profissional e intelectual. Que nós possamos compartilhar, com nossos amigos e colegas de trabalho, os conteúdos assimilados e aprendidos.

Às nossas famílias pelo apoio, suporte e compreensão, elementos fundamentais para a continuação e conclusão dessa monografia em especial a Keila e a família da amiga Gislene (Paulinho, Renata e Júnior) que foram bem compreensíveis e amáveis com a nossa “ocupação literal da residência” na qual por várias noites, até altas horas, na madrugada adentro usamos o tranqüilo lar como QGM (Quartel General da Monografia).

Um reconhecimento particular ao mestre Professor Renato Oliveira Júnior, nosso orientador, que de forma séria e ao mesmo tempo afetiva e criteriosa contribuiu para a construção e aprendizado coletivo durante o processo de elaboração da monografia.

Nossos agradecimentos aos professores do curso que contribuíram indiretamente neste processo desgastante no final de curso, mas ao mesmo tempo prazeroso por ter proporcionado este momento de ajuda mútuo dos membros do grupo, fortalecendo nosso relacionamento extra-classe, consolidando uma amizade que perdurará ao longo de nossas vidas.

“Um sonho, sonhado sozinho, é um sonho. Um sonho, sonhado junto, é realidade”.*Raul Seixas*

RESUMO

Este trabalho é o resultado da pesquisa realizada como requisito complementar à conclusão do curso de Pedagogia/ Projeto Professor nota 10, do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. O tema enfocado - *A influência da família na aprendizagem escolar nas séries iniciais*, foi delimitado a partir de situações vivenciadas no cotidiano do corpo docente das escolas públicas do Distrito Federal. A questão que se procura responder, e que permeia o trabalho em questão, é especificamente de que a família contribui para o êxito do aluno e quais variáveis influenciam neste processo. Inicialmente foi realizada uma abordagem em torno dos elementos que interferem no sucesso e no fracasso da aprendizagem, foram trabalhando seus conceitos visando uma melhor compreensão em torno da questão. Foi ressaltado também o papel da família, da escola e do professor nesta investigação. Em outra abordagem foi demonstrada a importância da relação Escola/Família/Sociedade no processo de aprendizagem do educando. Complementarmente, foi realizada uma reflexão e análise dos dados coletados junto à pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas - INEP e o Ministério da Educação e Cultura – MEC, a partir da qual constatou-se que a participação dos pais ajuda no desempenho escolar da criança. Nas considerações finais do trabalho, as principais inferências são brevemente retomadas, com alguns comentários quanto à questão da importância da participação da família no processo ensino/ aprendizagem da criança, além de sugestões para um melhor desenvolvimento da relação Escola/Família. Finalmente, cabe ressaltar que o que direcionou esta pesquisa fica aqui enfatizado que Família/Escola/Sociedade estão interligados para o sucesso do educando.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	8
1.3. JUSTIFICATIVA.....	9
1.4. OBJETIVOS.....	11
1.5. ASPECTOS METODOLÓGICOS	11
 2. O SUCESSO E O FRACASSO NA APRENDIZAGEM.....	13
2.1. APRENDIZAGEM	13
2.2. SUCESSO	15
2.3. FRACASSO	15
2.4. FATORES QUE INFLUENCIAM O SUCESSO E O FRACASSO.....	17
2.5. RELAÇÃO SUCESSO / FRACASSO.....	18
 3. A EDUCAÇÃO NA FAMÍLIA E NA ESCOLA.....	20
3.1. PAPEL DA FAMÍLIA	20
3.2. O PAPEL DA ESCOLA.....	26
3.3. O PAPEL DO PROFESSOR.....	28
 4. O DEVER COMPARTILHADO: ESCOLA, FAMÍLIA E SOCIEDADE	31
4.1. A IMPORTÂNCIA DESTAS RELAÇÕES.....	31
4. 2. ASPECTOS PARA REFLEXÃO: RELAÇÃO FAMÍLIA / ESCOLA	33
 5. INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.	36
 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	40
 ANEXOS	42
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1. INTRODUÇÃO

1.1. TEMA: A influência da família na aprendizagem do ensino fundamental de 1ª à 4ª série.

Delimitação do tema: Como a família contribui para o êxito do aluno e quais variáveis influenciam este processo.

1.2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

A respeito do ser global que está perante um movimento de aprendizagem, deve-se considerar que o desenvolvimento deste ser se dá, harmoniosamente e equilibradamente, nas diferentes condições orgânica, emocional, cognitiva e social.

Observa-se nas escolas que o desenvolvimento dos alunos que têm o acompanhamento dos pais, em geral, demonstram um rendimento mais satisfatório. Daí a necessidade de identificar os elementos que contribuam para este objetivo.

A situação atual é conflitiva e tem-se que ajudar a resolvê-la, para o benefício de uma geração. Não adianta a escola atribuir a educação de seus alunos aos respectivos pais, nem os pais exigirem da escola tal função. E no aspecto social, destaca-se o ambiente, a quantidade e a qualidade dos estímulos recebidos e o valor dado à aprendizagem pela família e/ou o meio social comunitário.

É importante que o professor tenha consciência de que a criança traz consigo a bagagem natural, cultural e também traz todas as referências afetivas. Portanto “o projeto de criar cidadãos deve ser compartilhado entre escola, família e a sociedade como um todo” (TIBA, 1998, p.9).

1.3. JUSTIFICATIVA

Por ser a família o primeiro elemento mediador entre o homem e a sociedade, “a matriz da unidade da reprodução do ser humano nas suas condições materiais, na existência sociocultural e na qualidade de sujeito em processo de singularização desde a segurança afetiva, a capacidade imaginativa, o autoconceito e a confiança em si” (MARQUES, Mario 2000 p.56), o projeto em questão pretende qualificar “A influência da família na aprendizagem escolar”, em específico no que tange ao ensino fundamental.

Observa-se que nas escolas faz-se necessária à participação e o interesse dos pais no acompanhamento do desenvolvimento da criança e esta relação está escassa, enfraquecida, o que não tem favorecido o sucesso do processo ensino-aprendizagem. Percebe-se, pois, a necessidade de investigação de como trazer esses pais para, juntos, identificar fórmulas de possibilitar esse desenvolvimento.

A escola e a família são os lugares onde as crianças passam a maior parte do tempo, e as relações interpessoais promovidas por esses contextos devem estabelecer laços de confiança e de alianças adequadas.

A família exerce fundamental importância na formação dos filhos. As transições no crescimento do indivíduo implicam necessariamente, mudanças no grupo familiar e também no escolar. Ela e a escola são todos organizados cujos elementos são interdependentes. São considerados sistemas sociais significativos para a compreensão da relação entre as pessoas.

A escola precisa caminhar de mãos dadas com a família, a fim de conhecer os valores e expectativas dos pais, e promover o melhor ajustamento do aluno. É na escola que determinados comportamentos exigidos pela sociedade e pela família podem ser exercitados, devido à convivência em grupo.

A conjuntura social, atual, fez com que a estrutura familiar mudasse substancialmente nas últimas décadas, remetendo à escola problemas que extrapolam a área pedagógica.

A sociedade busca cada vez mais o êxito profissional, a competência a qualquer custo e a escola também segue esta concepção. Aqueles que não

conseguem responder às exigências da instituição podem sofrer com um problema de aprendizagem. A busca incansável e imediata pela perfeição leva à rotulação daqueles que não se encaixam nos parâmetros impostos.

Assim, torna-se comum o surgimento em todas instituições educativas de “crianças problemas”, de “crianças fracassadas”, disléxicas, hiper-ativas, agressivas, etc. Esses problemas tornam-se parte da identidade da criança. Perde-se o sujeito, ele passa a ser sua dificuldade. Desta forma, ao passar pelo portão da escola, a criança assume o papel que lhe foi atribuído e tende a correspondê-lo. Porém, ao conceder este rótulo à criança, não se observa em quais circunstâncias ela apresenta tais dificuldades (ele está assim e não é assim). Isso não é apenas uma diferença terminológica, ela revela uma possibilidade de mudança.

A sociedade do êxito educa e domestica. Seus valores, mitos relativos à aprendizagem muitas vezes levam muitos ao fracasso. Em nosso sistema educacional, o conhecimento é considerado conteúdo, uma informação a ser transmitida. As atividades visam à assimilação da realidade e não possibilitam o processo de autoria do pensamento tão valorizada por Alicia Fernández. Ela define como autoria *“o processo e o ato de produção de sentidos e de reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção”* (FERNANDÉZ, 2001 p.90). Este caráter informativo da educação se manifesta até mesmo nos livros didáticos, nos quais o aluno é levado a memorizar conteúdos e não a pensá-los, não ocorrendo de fato uma aprendizagem.

Ao reconhecer em uma criança a dificuldade de aprendizagem, se faz necessário, primeiramente, assumir com os pais essa tarefa da formação, pois, muitas vezes, por falha na educação familiar é que isto acontece. O grande desafio desse trabalho é despertar a comprometimento da parceria escola/família.

1.4. OBJETIVOS

Objetivo geral: Avaliar de que forma a família contribui para o êxito do aluno e quais variáveis influenciam neste processo.

Objetivos específicos:

- delimitar os elementos que interferem no sucesso e no fracasso da aprendizagem;
- investigar o papel da família no desenvolvimento escolar da criança, assim como papel da escola nesse processo;
- demonstrar a relação escola/professor/família do processo de aprendizagem do educando.

1.5. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de cunho teórico que procurou reconstruir conceitos a partir de pesquisas bibliográficas realizadas no Distrito Federal, nas cidades de Ceilândia e Taguatinga, tendo como fonte de dados e informações órgãos e/ou entidades do governo ligado à educação e na *Internet*.

A princípio, para delimitar o tema, houve pequena polêmica, pois o mesmo é de certa forma abrangente, sendo necessário buscar um consenso entre a equipe responsável para chegar se a um foco mais preciso sobre a temática.

Em consequência, haviam várias obras referentes a esse tema, muitas delas, embora parecessem falar do tema, não serviam como fonte para a pesquisa. Foi necessário então, realizar uma ampla triagem do material e dotar-se de uma percepção refinada sobre especificamente aquilo que estava sendo pesquisado. Após análise chegou-se ao consenso do que realmente estava em conformidade com o foco da questão. A seguir, foi elaborado o texto que serviu como embasamento teórico para todo o trabalho.

Mesmo havendo um amplo acervo nas bibliotecas pesquisadas, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB e Universidade de Brasília - UnB, foi necessário recorrer a outras fontes de pesquisa, como o Ministério da Educação e Cultura - MEC, *internet* e livrarias que vieram a contribuir e somar com os já existentes. Ressalta-se que os dados de pesquisas foram encontrados no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas - Inep/MEC com base nos resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica-SAEB. Diante de tudo o que foi pesquisado, realizou-se a interpretação dos dados, tendo em mente se fazer um trabalho de pesquisa com embasamento teórico com uma linguagem acessível, mesmo havendo termos técnicos de forma que pudessem contribuir de alguma maneira.

O trabalho realizado abordou diversos tópicos sobre a temática - A Influência da Família na Aprendizagem Escolar. Mais do que dar respostas, trás à tona diversas questões que estão sempre na ordem do dia, para reflexão e discussão de um despertar constante e consciente da problemática, onde cada um, Família/Escola possa estar realizando sua contribuição.

2. O SUCESSO E O FRACASSO NA APRENDIZAGEM

2.1. APRENDIZAGEM

Entende-se melhor sobre esse tema ao buscar seus fundamentos para a compreensão e lógica das aprendizagens, tanto na escola como fora dela. O conhecimento se coloca como uma construção humana, que procura explicar porque, como e para que se aprende. Pesquisas apontam que os sujeitos aprendem porque tem necessidades, que ocasionam faltas, que provocam o desejo, o querer, a busca. Aprende-se a partir da resolução de problemas, na interação com o meio e com os outros sujeitos.

PIAGET desenvolveu estudos relacionados à construção das estruturas mentais, do desenvolvimento da inteligência, que segundo ele, acontece na interação do sujeito com a realidade, passando por estágios seqüenciais de complexidade crescente. VYGOTSKY, estudioso da linguagem, desenvolveu estudos sobre a sua importância na estruturação do pensamento, apontando para o social como elemento instigante, necessário e privilegiado na produção. WALLON explica em seus estudos a nossa constituição geneticamente social. Segundo esse teórico, o sujeito é perpassado pelos outros nos seios das experiências grupais, que quanto mais numerosas mais ricas de aprendizagens (WALLON, *apud* Marques & Dallepiane, 2002, p. 132).

Esses autores não dão conta das questões relacionadas às aprendizagens, mas apontam alguns princípios que merecem reflexão:

Os seres humanos se constituem em um processo de interação dialética com o mundo, com o meio sociocultural, recebe influências, influencia esse meio e produz conhecimentos;

Todo ser humano tem experiências de vida, são saberes que precisam ser respeitados e resgatados, são pontos de partida para outras aprendizagens;

A necessidade de elaboração de “sentido” no mundo da experiência. Importante saber quais os significados para alunos e filhos quanto ao aprender,

viver, educar-se...Esses sentidos precisam ser discutidos no interior da escola e da família.

Os sujeitos vão construindo seus conhecimentos ao mesmo tempo em que vão (re)organizando suas estruturas mentais, resultantes de seus juízos de semelhança e diferença, estabelecendo relações entre o já sabido e o novo. Essa (re)organização implica o “fazer”, que não é com as mãos, mas com as mentes, com as linguagens ou outros sistemas simbólicos.

A aprendizagem, com toda sua complexidade merece uma reflexão, abordando diferentes autores.

A aprendizagem tem uma longa história, o que explica a existência de um conjunto de teorias diferentes sobre esse tema.

A atividade humana cria um tipo especial de ambiente que vai progredindo com a própria evolução humana: a cultura. A aparição da cultura marca uma mudança nos processos psíquicos. A linguagem conceitual, desenvolvida sobre a base de códigos culturais socialmente compartilhados, o que permite passar de forma sintetizada o saber histórico da humanidade às novas gerações. A aprendizagem humana não vai ter só uma função adaptativa, mas uma função criativo-produtiva. O homem adapta-se à medida que produz seu próprio ambiente, o que vai crescendo e se modificando de forma histórica. A aprendizagem vai ter um caráter construtivo.

Para MORIN, “Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade” (MORIN, *apud*, Marques & Dallepiane, 2005, p. 135). Para compreender a aprendizagem dos educandos é preciso querer aprender e amá-los como são.

2.2. SUCESSO

O sucesso faz hoje parte do vocabulário corrente, tanto quanto das aspirações. Vive-se do sucesso e para o sucesso. Como mães e pais, deseja-se ardentemente que os filhos sejam bem sucedidos e, se a escola é atualmente, parte tão central das suas vidas, então ensinam que tenham sucesso escolar.

A escola, muitas vezes, é responsável pelo sucesso ou pelo fracasso da vida adulta, por isso deve-se preocupar, sempre, em possibilitar que seus alunos vivenciem uma escolarização bem sucedida. Cumprir sua função social é possibilitar a todos seus alunos o sucesso escolar.

Sucesso na escola refere-se ao educando que acompanha o processo ensino-aprendizagem sem dificuldade, cumpre as regras pré-estabelecidas pela escola, pelo professor; consegue estabelecer um bom relacionamento com o grupo e é capaz de transformar seus conhecimentos.

Como também afirma CORDIÉ:

Ser bem sucedido na escola é ter a perspectiva do ter, mais tarde, uma bela situação, de ter acesso, portanto, ao consumo de bens. Significa também 'ser alguém', isto é, possuir o falo imaginário, ser considerado, respeitado. O dinheiro e o poder são eles a felicidade? O próprio Estado alimenta essa aspiração. Para ser grande, uma nação não deve sempre aumentar suas riquezas e suas competências?

Quando se fala em sucesso escolar imaginamos o aluno dentro de um seio familiar estruturado com pais instruídos, possibilitando um bom desempenho. Porém, há casos que, mesmo na adversidade, se pode conseguir a superação e são pequenas atitudes que podem fazer a diferença fato este é o relato abaixo de SMITH e STRICK. 'Minha mãe mal conseguia falar inglês, mas verificava meu dever de casa todas as noites' recorda uma assistente social. 'Não tenho certeza do quanto ela entendia, mas certamente ela me passou a idéia de que os deveres de casa eram importantes (SMITH & STRICK, 2001, p. 108).

2.3. FRACASSO

O fracasso escolar, muitas vezes está relacionado à história de vida do educando; o que se faz necessário o professor conhecer seus alunos, além da sala de aula, e buscar meios para alcançar o sucesso, superando suas dificuldades de aprendizagem, aumentando sua auto-estima.

Nunca há uma causa única para o fracasso escolar há sempre a conjunção de várias causas que, agindo umas sobre as outras, interferem, como o meio sócio-cultural desfavorecido, o não domínio da linguagem corrente, o retardo adquirido na soma de conhecimento que uma criança armazena em suas trocas com o meio estimulante.

O fracasso escolar é apenas uma das faces da desigualdade social. Desigualdade que penetra no cotidiano escolar, ali se revela e se desenvolve com características peculiares. A escola não é simplesmente um espaço de reprodução do contexto social, uma vez que nela são geradas práticas específicas através das quais a desigualdade se constrói e, em alguns momentos, permite a construção de práticas alternativas que superam, ou tentam superar, as desigualdades iniciais (ESTEBAN, 2001, p. 30).

O fracasso restringe as opções das crianças e reduz seu status. Os alunos raramente são encorajados a analisar os fracassos e aprender com eles.

Para que as crianças aprendam que o fracasso pode ser educativo elas devem aprender isso em casa. As pesquisas indicam que as atitudes dos pais sobre a educação têm um imenso impacto sobre as expectativas dos estudantes. Os pais que encorajam as crianças a terminarem o ensino médio e a prosseguirem, freqüentando programas educacionais após essa etapa, ajudam a levá-los aos melhores empregos (STRICH & SMITH, 2001, p. 218).

E o respeito, o interesse e o entusiasmo que os pais, transmitem com relação à educação fazem diferença no interesse escolar do aluno.

Assumindo o fracasso escolar como um desafio, é importante avançar no sentido de discutir os mecanismos escolares que o produzem e assinalar movimentos que constituem possíveis alternativas para sua superação. Um aspecto relevante e atuação docente no processo de avaliação, pois, são os professores e professoras a que realizam, sendo o resultado deste processo determinante do sucesso ou fracasso escolar dos alunos e alunas (ESTEBAN, 2001, p. 99).

2.4. ALGUNS FATORES QUE INFLUENCIAM O SUCESSO E O FRACASSO

A base familiar ou ambiente doméstico exercem uma função importante, indicador no desenvolvimento da criança influenciando de forma positiva ou negativa na sua aprendizagem demonstrando que um ambiente estimulante e encorajador em casa produz estudantes adaptáveis e muito dispostos a aprender, mesmo entre crianças cuja saúde ou inteligência foi comprometida de alguma maneira.

Segundo SMITH & STRICK (2001), todas as crianças precisam da segurança de um sistema de regras e limites, no entanto, o modo como as regras são estabelecidas e colocadas em prática pode ter um impacto significativo sobre os relacionamentos familiares e sobre a auto-imagem da criança. Existem três tipos comuns de práticas de criação dos filhos particularmente comuns. São elas: pais rígidos, pais esclarecidos e pais permissivos.

As pesquisas indicam que os pais esclarecidos estão mais propensos a inspirarem confiança e respeito e a terem filhos responsáveis, autoconfiantes, cooperativos e criativos. Os pais rígidos estão mais propensos a inspirarem medo e ressentimento; seus filhos são, com frequência, retraídos, desconfiados e descontentes. As crianças de pais muito permissivos tendem a ser as menos autocontroladas e autoconfiantes dos três grupos. A falta de estrutura e de modelos efetivos, geralmente as torna irresponsáveis, desorganizadas e instáveis.

A base escolar deve pautar-se por uma compreensão histórica que busque analisar as forças em conflito e colocar-se como instrumento do desenvolvimento do ser humano total, cujo acesso aos conteúdos culturais mais representativos do que de melhor se acumulou, historicamente, do saber universal, torna-se ferramenta para a construção de aprendizagens significativas e, conseqüentemente, de competências, permeadas pelo respeito aos direitos deveres que constituem a vida cidadã. A escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural, onde todos os credos, todas as manifestações populares e todos os diferentes modos de vida sejam respeitados e compartilhados harmoniosamente.

Criar e recriar, ver e rever, fazer e refazer, definir e redefinir fazem parte do cotidiano de uma escola comprometida com o individual e o social. E sendo uma educação fundamentada nos quatro pilares da educação que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser.

Quanto à base religiosa na educação escolar, existe sempre a presença de valores e contravalores que se fundamenta por uma concepção da pessoa humana e sua complexidade, sua dignidade, sua liberdade, sua visão de mundo, sua capacidade de amar e de relacionar-se respeitosamente; a vida em família como relacionamento de amor, sua interação com a Comunidade Social e de Fé; a natureza e o meio ambiente como dádiva de Deus, sua preservação em função do valor da e do bem comum; a cidadania como a participação consciente e construtiva na Sociedade. Respeito aos valores religiosos de cada um, visando o desenvolvimento integral, a paz e a liberdade humana, propostas nas Palavras de Deus, em síntese, sem ser tendencioso para determinada religião, uma vez que se vive em país laico.

O lazer deve fazer parte do currículo da Escola; pois alguns alunos só têm acesso a passeios culturais e recreativos através da mesma. O lazer é uma rica fonte de conhecimentos e socialização. Ler por prazer; passeios ao redor da escola, ir ao teatro, ao cinema, ao Jardim Zoológico e outros lugares de fácil acesso. São fontes prazerosas de lazer e enriquecimento no processo ensino aprendizagem.

2.5. RELAÇÃO SUCESSO / FRACASSO

Vive-se em uma sociedade onde o sucesso sempre é exigido do indivíduo, independentemente do aprendizado. Quando ocorre o contrário, o fracasso, é comum não lhe dar o devido valor, mas é sabido que o mesmo está interligado com o sucesso e que é uma etapa do processo para o sucesso.

A família, a escola e o professor são responsáveis pelo fracasso e o sucesso escolar. A família deveria estar presente e ativa, no processo acadêmico

de seus filhos, ajudando, participando, sem criar expectativas futuras e sem cobranças além do que seus filhos são capazes. O sucesso / fracasso também dependem do projeto pedagógico da escola e do professor mediador, nesse processo da construção do conhecimento, sendo capaz de refletir sua prática e ação pedagógica.

3. A EDUCAÇÃO NA FAMÍLIA E NA ESCOLA

3.1. PAPEL DA FAMÍLIA

A família é uma instituição social que recebe influências de toda ordem, econômicas, culturais, educacionais, do contexto mais amplo e influência a partir de sua base outras instituições e a sociedade como um todo, pois são sujeitos sociais e se constituem nos diferentes espaços que se entrecruzam e relacionam através da linguagem.

É a família o espaço primeiro da aprendizagem em que no organismo se instala a autonomia da ordem simbólica, desde onde se abre o campo dos possíveis a partir dos limites que coloca ao fundar o desejo do outro. (MARQUES, 2000, p.57).

A educação de um ser humano deve começar em seu nascimento e prolongar-se durante todo o tempo da sua vida. Toda vida é gerada pelo afeto e pelo afeto deve continuar.

O afeto proporciona estímulos positivos, motivações para o trabalho e inspira confiança. Estes elementos são lastros que facilitam as aprendizagens.

[...] a criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através das formas que assumem as relações de interdependência com as pessoas que a cercam com mais frequência e por mais tempo, ou seja, os membros da família (...) (LAHIRE, 1997, p.17).

Pesquisas mostram que o envolvimento da família na escola das crianças é fundamental. A família é capaz de despertar o interesse e a curiosidade delas e incentivar a sua aprendizagem. Por isso o seu compromisso é indispensável, acompanhando a vida escolar das crianças valorizando suas tarefas, estimulando-as a gostarem de aprender e a serem curiosos também na vida fora da escola.

Uma criança que, em seu processo encontra dificuldades em “crescer”, em lidar com as novas propostas pode estar transportando suas más relações familiares para o espaço escolar. É importante que o professor tenha consciência de que a criança traz consigo a bagagem natural, cultural e também traz todas as referências afetivas.

Ao longo da história brasileira a família veio passando por transformações importantes que se relacionam com o contexto sócio-econômico-político do país. No Brasil-Colônia, marcado pelo trabalho escravo e pela produção rural para a exportação, identificou-se um modelo de família tradicional, extensa e patriarcal; onde os casamentos baseavam-se em interesses econômicos, que à mulher, era destinada a castidade, a fidelidade e a subserviência. Aos filhos, considerados extensão do patrimônio do patriarca, ao nascer dificilmente experimentavam o sabor do aconchego e da proteção materna, pois eram amamentados e cuidados pelas amas de leite.

A partir das últimas décadas do século XIX, identifica-se um novo modelo de família. A Proclamação da República, o fim do trabalho escravo, as novas práticas de sociabilidade com o início do processo de industrialização, urbanização e modernização do país constituem terreno fértil para a proliferação do modelo de família nuclear burguesa, originário da Europa.

Trata-se de uma família constituída por pai, mãe e poucos filhos. O homem continua detentor da autoridade e "rei" do espaço público; enquanto a mulher assume uma nova posição: "rainha do lar", "rainha do espaço privado da casa". Desde cedo, a menina é educada para desempenhar seu papel de mãe e esposa, zelar pela educação dos filhos e pelos cuidados com o lar.

No âmbito legal, a Constituição Brasileira de 1988, aborda a questão da família nos artigos 5º, 7º, 201, 208 e 226 a 230. Trazendo algumas inovações (artigo 226) como um novo conceito de família: união estável entre o homem e a mulher (§ 3º) e a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (§ 4º). E ainda reconhece que: os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher (§ 5º).

Com o aumento de famílias chefiadas por uma só pessoa, principalmente por mulheres, a queda da taxa de fecundidade, a tendência do envelhecimento

populacional, as crianças recebendo outros valores menos tradicionais e as mudanças ocorridas, nos últimos anos, no plano sócio-político-econômico, a estrutura familiar vem sofrendo todas estas interferências e possibilitando mudanças em seu padrão tradicional de organização.

É preciso ressaltar que essas mudanças não devem ser encaradas como tendências negativas, muito menos como "doenças" ou sintomas de "crise". A idéia de crise, atualmente em voga, pode ser enganosa. A aparente desorganização da família é um dos aspectos da reestruturação que ela vem sofrendo, a qual se, por um lado, pode causar problemas, pode, por outro, apresentar soluções.

Trata-se, pois, de um processo contraditório que, ao mesmo tempo em que abala o sentimento de segurança das pessoas, com a falta ou diminuição da solidariedade familiar, proporciona também a possibilidade de emancipação de segmentos tradicionalmente aprisionados no espaço restritivo de muitas sociedades conjugais opressoras. Com ele, também, os papéis sociais atribuídos diferenciadamente ao homem e à mulher tendem a desaparecer não só no lar, mas também no trabalho, na rua, no lazer e em outras esferas da atividade humana.

Embora a cada momento histórico corresponda um modelo de família preponderante, ele não é único, ou seja, concomitante aos modelos dominantes de cada época, existiam outros, com menor expressão social, como é o caso das famílias africanas escravizadas. Além disso, o surgimento de uma tendência não eliminava imediatamente a outra, prova disto é que neste início de século pode-se identificar a presença do homem patriarca, da mulher "rainha do lar" e da mulher trabalhadora.

Assim, não é possível falar de família, mas de famílias, para tentar contemplar a diversidade de relações que convivem na sociedade. Outro aspecto a ser ressaltado, diz respeito ao significado social da família, qual a sua razão de existência?

Evidenciado, no tipo de organização social, o papel crucial da família quanto à proteção, afetividade e educação, onde buscar fundamentação para a relação educação escola/ família? O dever da família com o processo de

escolaridade e a importância da sua presença no contexto escolar é publicamente reconhecido na legislação nacional e nas diretrizes do Ministério da Educação aprovadas no decorrer dos anos 90, tais como:

- Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei 8069/90), nos artigos 4º e 55.

- Política Nacional de Educação Especial - PNEE, que adota como umas de suas diretrizes gerais: adotar mecanismos que oportunizem a participação efetiva da família no desenvolvimento global do aluno. E ainda, conscientizar e comprometer os segmentos sociais, a comunidade escolar, a família e o próprio portador de necessidades especiais, na defesa de seus direitos e deveres. Entre seus objetivos específicos, temos: envolvimento familiar e da comunidade no processo de desenvolvimento da personalidade do educando.

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei 9394/96), artigos 1º, 2º, 6º e 12.

- Plano Nacional de Educação – PNE (aprovado pela Lei nº 10172/2001), que define como uma de suas diretrizes a implantação de conselhos escolares e outras formas de participação da comunidade escolar (composta também pela família) e local na melhoria do funcionamento das instituições de educação e no enriquecimento das oportunidades educativas e dos recursos pedagógicos.

É preciso registrar a recente iniciativa do MEC que instituiu a data de 24 de abril como o Dia Nacional da Família na Escola. Neste dia, todas as escolas deveriam convidar os familiares dos alunos a participar de suas atividades educativas, pois conforme declaração do então Ministro Paulo Renato Souza (2001) "quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles aprendem mais".

Relacionados os sustentáculos formais da relação família/ escola/ educação é importante pontuar ainda alguns aspectos. Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que a família independente do modelo como se apresente, pode ser um espaço de afetividade e de segurança, mas também de medos, incertezas, rejeições, preconceitos e até de violência. Assim, é fundamental que conhecer os alunos e as famílias com as quais se lida. Quais são suas

dificuldades, seus planos, seus medos e anseios? Enfim, que características e particularidades marcam a trajetória de cada família e conseqüentemente, do educando o qual é atendido.

Estas informações são dados preciosos para avaliar o êxito das ações dos educadores, identificar demandas e construir propostas educacionais compatíveis com a realidade. Em segundo lugar, na relação família/ educadores, um sujeito sempre espera algo do outro. E para que isto de fato ocorra é preciso construir coletivamente, uma relação de diálogo mútuo, onde cada parte envolvida tenha o seu momento de fala, mas também de escrita, onde exista uma efetiva troca de saberes.

A capacidade de comunicação exige a compreensão da mensagem que o outro quer transmitir e para tal faz-se necessário o desejo de querer escutar o outro, a atenção às idéias emitidas e a flexibilidade para receber idéias que podem ser diferentes. Uma atitude de desinteresse e de preconceitos pode danificar profundamente a relação família/ escola e trazer sérios prejuízos para o sucesso escolar e pessoa dos educandos.

Um outro ponto, diz respeito à tendência que a escola tem de reduzir a família à figura materna, não propondo atividades que envolvam a totalidade da constituição familiar, como pais, irmãos e por que não tios e avós?

Por último, mas também crucial, é a questão da participação da família na escola. É preciso ter clareza o que é participar. Será que é estar presente nas reuniões para ouvir informações burocráticas e queixas referentes ao mau comportamento dos alunos? Será que é ter acesso a decisões previamente estabelecidas? Será que é ajudar a organizar a festa junina da escola? Será que é poder ouvir e falar? Será que é a possibilidade de uma ação coletivamente construída por todas as partes envolvidas no processo ensino-aprendizagem, na qual se compartilhar eqüitativamente, resguardadas as particularidades dos sujeitos envolvidos, a possibilidade de planejar, decidir e agir?

Enfim, muitos podem ser o significado da palavra participar. É preciso conhecer as razões pelas quais as famílias não têm correspondido ao que os educadores esperam enquanto sua participação na escola. Para tal, é preciso se

despir da postura de juízes que condenam sem conhecer as razões e incorporar o espírito investigador que busca as causas para o desconhecido.

Os pais são as primeiras referências da criança, boa parte da bagagem que a criança carrega ao chegar na escola é fruto do exemplo da prática absorvida dos pais. O indivíduo é um ser complexo, racional e emotivo, uma vez bem trabalhado estes aspectos na família, de forma equilibrada, o professor tem em sua responsabilidade uma pessoa em que é mais fácil trabalhar o seu aprendizado visando o seu sucesso. O diálogo entre pais e professores é importante ser constante, pois partilham uma responsabilidade educativa.

A família se constitui no elemento mediador primeiro entre a criança, o mundo, à cultura, à sociedade, um diafragma protetor e, mais que isso, a matriz da unidade da reprodução humana na suas condições materiais de subsistência, na existência sociocultural e na qualidade de sujeito em processo de singularização desde a segurança afetiva, a capacidade imaginativa, o autoconceito e a confiança em si.

A família, o espaço primeiro das aprendizagens em que o organismo infantil se faz corpo pela instalação nele da ordem simbólica, desde onde se abre o campo dos possíveis a parti dos limites que coloca ao fundar no desejo do Outro seus próprios desejos (MARQUES & DALLEPIANE, 2002, P.23).

Antigamente a criança encontrava outras no seio da própria família: uma família ampla congregando várias famílias com muitos filhos, irmãos, primos. Na família moderna, reduzida em número de membros e de funções, onde os filhos menores irão encontrar seus iguais: na rua? Na escola?

“Cada vez mais os pais se desautorizam na educação de seus filhos, delegando a outros a sua função” (MARQUES & DALLEPIANE, 2002, p. 99).

3.2. O PAPEL DA ESCOLA

Assim como na família, na escola se aprende muitas coisas, não tudo, por que se aprende nos mais diferentes lugares e espaços. Mas, não se pode negar que o processo de formação é constituído grande parte na escola.

A escola faz parte da história de vida. A escola tem o seu lugar no processo de formação das pessoas, como cidadão, como profissionais.

A Educação é um fenômeno histórico-social que perdura durante toda a existência do ser humano e se concretiza mediante as relações estabelecidas entre as pessoas e entre elas e as demais manifestações do mundo natural, físico, social, tecnológico e espiritual, no decorrer dos tempos.

A humanidade em sua constante busca de conhecimentos para satisfazer suas necessidades básicas fez com que surgisse a escola. Diante da necessidade de escolarizar as populações camponesas que migravam para os grandes centros urbanos em busca de trabalho, esta cumpriria o papel de servir para o avanço do capitalismo, qualificando a mão-de-obra para satisfação da burguesia.

Respondendo aos anseios da sociedade, baseado na família patriarcal conservadora, a escola também desempenha o papel de forma institucional disciplinadora em que os alunos tinham que seguir aos ditames das regras impostas e sendo um lugar de referencia moral. Como afirma Donatelli

Se de um lado a sociedade burguesa tinha um núcleo familiar rigidamente estruturado, por outro lado à escola oferecia serviços de complementação moral a seus filhos. Entretanto, a questão era sempre de cunho moral. A família dava os pressupostos e a escola tinha a função de torná-los viáveis à vida pública. (DONATELLI, 2004, p. 110).

Na primeira metade do século XX seguindo as diversas transformações ocorridas na época surge a chamada escola nova, respeitando o interesse do indivíduo (o aluno) sinalizando neste aspecto uma ruptura do conservadorismo predominante.

Diante de todas essas transformações aparecem as tendências psicológicas centradas no interesse do aluno, em que vai se amenizando as regras rígidas de limite disciplinador, dando um salto para o diálogo. Essas novas opções fizeram com que os alunos passassem de espectadores inativos a interlocutores da aula.

Com o advento da psicologia influenciando no seio escolar surge então um aspecto conflituoso na relação do ordenamento familiar, onde os alunos, antes passivos, seguidores de regras, começavam a ter autonomia antes inexistente.

Com essa influência da psicologia na escola foram surgindo outras formas de se pensar as relações de ensino e aprendizagem e esta, ainda hoje, não pára de crescer.

Atualmente a escola tem como função proporcionar às pessoas o ensino formal aceita pelo mercado de trabalho, proporcionado pelo Estado, para conviver com as transformações sociais, políticas e econômicas do mundo moderno. Neste contexto, a escola precisa ser um espaço de formação e informação em que a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior.

Portanto, “vivemos numa sociedade na qual as diferenças e abismos socioeconômicos são tão brutais que a busca de referências morais acerca do papel social que cabe a cada cidadão foi perdida e/ou esquecida no seio da escola”. (DONATELLI, 2004, p. 120).

A função da escola em proporcionar um conjunto de práticas preestabelecidas tem o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem de conteúdos sociais e culturais de maneira crítica e construtiva. Diante da missão de formar cidadãos capazes de atuar de forma competente na sociedade, a escola deve buscar a contextualização e o estabelecimento de conteúdos que atendam as necessidades dos alunos e da sociedade.

Cabe a comunidade escolar buscar coletivamente ações para que a Escola exerça o ensino de boa qualidade e prepare a criança para o exercício da cidadania.

Em sua constante busca de conhecimentos para satisfazer suas necessidades básicas e manter-se sobre a face da Terra, a humanidade, acumulou conhecimentos que se transmitem e se ampliam constantemente. E a escola surge, nesse contexto, como instância do saber e de formação humana. O processo de conhecimento, produzido pela Escola, vem recebendo diversas influências das correntes filosóficas que procuram analisar e interpretar o efeito da ação da Escola sobre o homem, sobre a sociedade e sobre o mundo.

Para a escola exercer sua função social de garantir a todos, condições de viver plenamente a cidadania, cumprindo seus deveres e usufruindo seus direitos, precisa conscientizar-se de sua responsabilidade em proporcionar a todos os seus alunos o sucesso escolar no prazo legalmente estabelecido.

É necessário, pois, repensar a escola, refletir sobre a atuação de seus membros e levá-los a assumir sua responsabilidade sobre a aprendizagem de todos os seus alunos, de acordo com suas atribuições. Nesse enfoque o diretor assume papel relevante; deve conjugar o compromisso político que o fazer educativo exige com sua compreensão técnica e de todos os agentes educacionais, como forma de atender bem a comunidade que a busca.

Entre todos os membros da escola, deve imperar um clima de respeito e confiança mútua, articulado pelo Diretor, onde diferenças e ideologias pessoais devem ser respeitadas sem, no entanto, impedir que se respondam os anseios da comunidade por uma educação que possibilite a seus filhos a vivência da cidadania plena e a conseqüente inserção no contexto sócio-cultural e econômico do país.

3.3. O PAPEL DO PROFESSOR

O papel do professor é o de intermediador entre o conhecimento espontâneo do aluno e o saber sistematizado, visando à transmissão do conhecimento e à formação de atitudes e de habilidades. Para isso o professor necessita:

- * ser flexível e receptivo às inovações e à aquisição de novos conhecimentos;

- * saber trabalhar com os conteúdos que ensina, em nível de significado e de contextualização histórica;

- * ter clareza dos objetivos a atingir, identificando o essencial, o fundamental e o complementar;

- * optar por metodologias adequadas aos alunos;

- * utilizar adequadamente os meios e os recursos disponíveis;

- * ter uma visão integrada do currículo da escola e do funcionamento do sistema de ensino público;

- * trabalhar com espírito cooperativo, junto aos demais servidores da escola, na formação dos alunos;

- * ter sensibilidade para se avaliar, por intermédio do desempenho de seus alunos;

- * perceber com nitidez e espírito crítico as relações entre sociedade e educação;

- * ser referencial de comportamento ético e cívico.

O domínio desses fundamentos pressupõe o contínuo aperfeiçoamento pessoal e profissional do professor.

Não saber interpretar as dificuldades exigirá por parte do educador, hoje, uma auto-avaliação, no que se refere a um novo conceito de erro e de toda a informação que adquiriu ao longo do exercício de sua profissão. Ser instruído a interpretar esses erros ajudará o professor a construir o aprendizado de todo e qualquer aluno. A tomada de consciência não é apenas um conhecimento superficial e teórico, mas é, antes de tudo, uma tomada de posição.

Faz necessário construir práticas pedagógicas que considerem as necessidades dos alunos, assim como todas as suas possibilidades de aprendizagem, criando condições e dando-lhes autonomia suficiente para que aprendem uns com os outros e também com seus próprios erros, sem medos, preconceitos ou discriminações.

Ensinar é mais do que transmitir conteúdos, é gerir relações com saber.
Dentre tantas coisas mais, exige querer bem aos educandos.

“Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e cinzento me ponha nas minhas relações” (FREIRE, 1997, p. 159).

4. O DEVER COMPARTILHADO: ESCOLA, FAMÍLIA E SOCIEDADE

4.1. A IMPORTÂNCIA DESTAS RELAÇÕES

A escola amplia os conhecimentos adquiridos na família aprofundando conhecimentos sistematizados, conceitos construídos ao longo da história da humanidade. Além disso, amplia os espaços de aprendizagem na convivência com grupos de colegas, amigos, professores, jovens, adultos, com idéias, concepções, culturas, afetos, relações que não são vividos na família.

A escola, por mais que se esforce, nunca substituirá o papel da família na educação dos filhos, assim como a família não substitui o papel fundamental da escola no trabalho com o conhecimento sistematizado, construído e reconstruído nos diferentes níveis e modalidades de ensino. Ambos se complementam, mas não se substituem.

Infelizmente, e durante muitos anos, a relação família foi no nosso país, uma relação essencialmente negativa. A escola só chamava os pais quando os filhos estavam a ter problemas, só os convidavam para atividades em que não tinham mais do que o papel de espectadores (como as festas de natal ou de fim de ano) entendia como ingerência a visita freqüente de pais mais empenhados.

Se a função social da escola for cumprida, ela é respeitada pela comunidade que a preserva. A escola deve ver os pais como parte da equipe escolar e essa relação deve ter como objetivo não só os filhos, mas também o envolvimento dos pais com algumas das funções gerais da Escola. O diálogo da Escola com as famílias deve ser um dos aspectos essenciais de mudança do projeto educativo da Escola. Essa relação seria favorecida, sem dúvida, com uma integração escola-comunidade.

A família e a escola estão mais preocupadas em ensinar as questões objetivas e materiais do mundo e não a compreensão desse mundo.

Essa é uma função comum da família e da escola e se coloca na dimensão dos valores que é preciso ensinar. Aprendendo a compreensão, pode-se apreender com os filhos e alunos as maiores lições da humanidade, aprender a

ser pais e professores, a ser amigos, a ser gente. Gente que chora, que ri, que também tem dificuldades de aprendizagem, nem sempre escolares, mas dificuldades de lidar com a própria vida.

A questão é mais complexa do que parece quando se trata de ensino / aprendizagem, pois muitas cartas fazem parte do jogo do ensinar e aprender podendo decidir de maneira favorável ou desfavorável nos resultados dessa dinâmica que envolve gente, sujeitos que são sempre diferentes, formas de aprender variadas, o que gera um jogo de culpas.

Os distúrbios provenientes de uma educação familiar mal orientada podem resultar em problemas de aprendizagem. Sabe-se que há uma estreita relação entre lar e escola.

A influência do lar como habitat da criança e da família, assim como a influência do meio social mais amplo, e muito grande, principalmente na infância. Esta é uma das fases críticas do desenvolvimento do ser humano, que sempre requerem um maior cuidado e atenção.

Apesar de todas as inovações introduzidas no relacionamento humano, a família ainda é considerada como a melhor unidade social, a célula que, reunida às outras, formará o tecido social. Desde tempos muito remotos, a influência da família sempre foi considerada como um elemento fundamental no desenvolvimento do caráter do indivíduo.

Graças às características individuais dos alunos, cada turma reúne um grupo heterogêneo de pessoas, com peculiares próprias, que se diferenciam uma das outras, apesar de pertencerem ao mesmo nível de adiantamento nos estudos e à mesma série.

Assim como os alunos são diferentes entre si, eles também provêm de lares diferentes. Seus pais têm pensamentos, atitudes, modos de encarar a vida, a escola, e, sobretudo a educação, completamente diversos. Seu grau de instrução, seus comportamentos, seus papéis sociais são diferentes, como também, em função disso, ocupam diferentes posições na sociedade.

Também os níveis de aspiração desses pais variam. Alguns colocam objetivos muito altos para os filhos. Outros são mais modestos. Todas as

aspirações familiares se refletem no aluno e podem ocasionar mudanças no planejamento do professor. Portanto, os diferentes objetivos das famílias irão se refletir no processo de ensino-aprendizagem.

Considera-se a relação professor-aluno em um contexto determinado ambos interagem, como sujeitos, como corpos (eles mesmos) situados em outro corpo (o mundo). Nessa relação o professor é o mediador do saber socialmente elaborado. O processo educativo ocorre, assim, na inter-relação homem-mundo, mundo entendido como meio físico e meio social. Há, ainda, o espaço interior de cada um, o psíquico, o pessoal, que interferem e age sobre o exterior. Esse processo consiste no exercício da liberdade e da possibilidade de opção. A inter-relação homem-mundo ocorre em diferentes formas de autoconsciência, consciência da natureza e de si próprio no mundo.

Nessa visão de educação, soma-se à tipologia de (PERETTI, *Apud* ETAVE, 1977, p.138) outra categoria – saber estar. O processo educacional abrange, de maneiras integradas, quatro dimensões fundamentais: o saber, o saber ser, o saber fazer, e o saber estar, ou seja, o pedagógico, o político, o técnico e o ecológico, tratados globalmente. O saber supõe interdependência entre educação e realidade social – é o conhecimento que se tem do real, do cosmo. O saber ser diz respeito à própria essência da natureza humana, à formação da consciência de si e da consciência do mundo. O saber fazer refere-se à atividade produtiva, à melhoria das condições de vida, ao trabalho como condição de auto-realização e de transformação do mundo. O saber estar implica estar aqui no mundo, criando condições favoráveis à preservação ambiental, praticando o respeito ao próximo e ao meio ambiente; ainda, a convivência harmônica do homem consigo mesmo, com o outro e com o mundo, comprometido com as gerações futuras.

4. 2. ASPECTOS PARA REFLEXÃO: RELAÇÃO FAMÍLIA / ESCOLA

A escola contemporânea tem que repensar os seus paradigmas uma vez que a sociedade moderna prima pelo “ter” em contraposição ao “ser”, deve-se retomar os rumos em prol da humanidade que caminha para negação do ser.

Nessa sociedade em que o avanço tecnológico ao mesmo tempo em que, contribui também faz os indivíduos cada vez mais se isolem em seu mundo. Deve-se repensar uma transformação voltada para o coletivo, em que o outro deve ser valorizado. Nesse sentido a parceria comunidade/ escola torna-se um aspecto preponderante no papel da superação dessas contradições.

A família e a escola se constituem em instancias fundamentais da educação, ambas co-responsáveis e interdependentes. Necessitam, por isso, entender-se para assumir cada qual suas específicas atribuições e assumi-las no diálogo constante e no entendimento compartilhado. São atribuições diferenciadas, não competindo à escola intrometer-se na vida da família, nem podendo a família decidir sobre o que é atribuição própria da escola.

O primeiro passo é dado pela família ao matricular o filho menor na escola. Uma primeira visita, portanto, um primeiro acerto de intenções e perspectivas. Depois, deve a família acompanhar de perto a vida escolar do filho. Interessar-se pelo dia-a-dia do filho na escola é dar valor ao trabalho da escola e aos empenhos de cada professor. Mas é, sobretudo, dar valor ao filho e a cada passo que ela dá na vida; é acompanhá-lo com interesse e carinho nos processos de suas aprendizagens. Sentir-se acompanhado com atenção e carinho é condição indispensável para o equilíbrio emocional e para ser gente. Nesse sentido, além das conversas com o filho, os pais devem ir conversar com a escola e cada um dos professores.

Já, hoje, as escolas se organizam para esses encontros com os pais e dos pais em conjunto com a escola. Na maioria delas estão organizadas os círculos de pais e mestres, para, em suas reuniões, regulares, trocarem informações e buscarem traçar juntos as diretrizes da ação educativa. Superam-se assim aquelas situações vexatórias em que a escola chamava os pais para se queixar do mau aproveitamento dos alunos. Ora, ninguém gosta dos puxões de orelhas. Por isso, os pais evitavam ir até à escola.

Outra coisa é conversar, é dialogar. Hoje as escolas normalmente oferecem condições, agendam horários também para que os pais individualmente possam ir conversar com os professores de seus filhos.

Por outra parte, é condição fundamental para as aprendizagens escolares os professores conhecerem a realidade da vida dos alunos. Quando os alunos em geral se situam em estrato social semelhante ao dos professores, as dificuldades são menores, mas, nas escolas das periferias urbanas, os desníveis sociais são mais pronunciados, de forma a exigirem que vá a escola ao local de residência dos alunos.

Para uma vida digna nessa sociedade diferenciada e plural, deve a ação educativa da família e da escola ser inscrita, sustentada e ampliada pela ação conjugada da comunidade local, dos movimentos sociais plurais e diferenciados e das instituições e organizações da sociedade civil no âmbito dos governos.

5. INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.

Toda pesquisa realizada serve para explicitar, claramente, dados necessários. Uma vez de posse dessas informações fica mais viável atingir o foco do problema.

Na presente pesquisa - A Influência da Família Na Aprendizagem Escolar – ficou evidenciado que, quando os pais são participativos e atuantes na vida escolar do filho, este apresenta um desenvolvimento satisfatório, ocorrendo o contrário, na situação inversa. Essa participação não se caracteriza, necessariamente, através da presença dos pais no espaço escolar, mas de ações diárias tais como: controle, acompanhamento e explicações de tarefas, compra de materiais escolares básicos e complementares, atenção aos hábitos e atitudes como horários de deitar, amizades e outros.

As Tabelas apresentadas são oriundas do questionário sócio-econômico e prova avaliativa do Sistema de Nacional de Avaliação da Educação Básica – Saeb, confirmando que alunos com a média elevada no rendimento escolar são aqueles assistidos e acompanhados pela família.

A criança, cuja família participa de forma mais direta no cotidiano escolar, apresenta um desempenho superior em relação àquela onde os pais estão ausentes do seu processo educacional. Ao conversarem com o filho sobre o que acontece na escola, cobrarem dele e ajudarem-no a fazer o dever de casa, falarem para não faltar à escola, tirar boas notas e ter hábito de leitura, os pais estarão contribuindo para a obtenção de notas mais altas.

A constatação foi feita pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC) com base nos resultados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Os alunos da 4ª série do ensino fundamental, que sempre vêm a mãe lendo, obtiveram uma média de 20 pontos a mais na prova de Língua Portuguesa do que aqueles que afirmaram que a mãe não tem o mesmo hábito. Enquanto a pontuação dos primeiros foi de 172,6, a dos outros ficou em 152,6. De acordo com as respostas ao questionário socioeconômico aplicado junto com a prova do Saeb, 84% dos alunos da 4ª série

dizem que sempre vêem a mãe lendo. Em relação ao pai, a mesma afirmação é de 71% dos estudantes.

A média geral no Saeb 2003 em Língua Portuguesa na 4ª série foi de 169,4, numa escala única para todas as séries avaliadas (4ª e 8ª do ensino fundamental e 3ª do ensino médio) que vai até 500 pontos. As provas de Língua Portuguesa e Matemática foram aplicadas a uma amostra de 300 mil alunos representativa das redes públicas e particulares de ensino.

Tabela A – acompanhamento dos pais na vida escolar.

Acompanhamento	Média	% de resposta
Sempre ou quase sempre	175,96	73,07
De vez em quando	165,37	20,33
Nunca ou quase nunca	164,42	5,83
Sem resposta	—	0,68

A criança passa boa parte do seu dia na escola, como uma extensão de seu lar e se a família vivencia e participa deste momento, com qualidade e responsabilidade, o resultado, com certeza, será positivo.

No mundo inteiro está se passando um fenômeno muito sério, cujas conseqüências ainda não podem ser avaliadas inteiramente: o da transmissão progressiva dos poderes educacionais dos países e da família para os mestres e a escola. (WEIL, 1979, p.153)

O acompanhamento escolar faz-se necessário, pois a auto-estima do aluno é maior quando a família participa e valoriza a vida escolar e conseqüentemente melhora seu rendimento, o que demonstra a tabela abaixo:

Tabela B – Quem acompanha a sua vida escolar de perto.

Quem acompanha	Média	% de resposta
pais	174,82	85,55
Outras pessoas	170,87	7,3
ninguém	156,58	5,3
Sem resposta	–	1,15

A participação da família mostra-se também, positivamente, nos hábitos adquiridos em casa, como o hábito de leitura, segundo informações na tabela a seguir.

Tabela C – Você vê seus pais lendo

Você vê seus pais lendo?	Média	% de resposta
Sim	176,90	77,7
Não	159,89	21,6
Sem resposta	-	0,6

Para alguns pais os meses que antecedem o início da escolarização de seus filhos é algo aguardado com grande expectativa, pois é um momento marcante no processo do desenvolvimento da criança em que ela passa a fazer parte de outro núcleo social diferente do seio familiar: a escola. Nesta fase, ela passa a se distanciar do “porto seguro” que sempre conviveu passando a vivenciar uma nova realidade, novas relações, novas situações. No entanto, para que essa transição ocorra de forma tranqüila a criança deve ter nos pais o canal de sustentação.

Sendo que a inserção na vida escolar não é só um momento de efêmera emoção proporcionada aos pais nos primeiros dias e semanas de aula ou algo formal, quando se procede à matrícula do aluno, se faz necessário que este

momento vá, além disso. Isso ocorre quando pais se envolvem realmente no processo de aprendizagem de seus filhos, se tornando co-participativos. Esse processo deve ser contínuo ao longo da vida escolar do aluno, mesmo quando ele já tiver uma certa autonomia.

Para que isso ocorra com qualidade é necessário que a escola promova canais de diálogo entre ambas as partes, pais/ professores, de forma que a partir desse contato se possa dialogar na mesma língua e cada uma passe a conhecer a realidade do outro, podendo desta forma se fazer um trabalho conjunto em prol do aluno.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, uma pesquisa teórica que abordou a “Influência da Família na Aprendizagem” teve como objetivos delimitar os elementos que interferem no sucesso e no fracasso da aprendizagem; Investigar o papel da família no desenvolvimento escolar da criança, assim como o papel da escola nesse processo e finalmente, demonstrar a relação escola/ professor/ família no processo de aprendizagem do educando.

A presente pesquisa não tem a pretensão de encontrar respostas prontas, até porque existem diferentes variáveis diante da problemática em questão. Porém ela mostra os diversos tópicos pertinentes que apontam as possíveis causas, como: a ausência do interesse e participação dos pais/ responsáveis no cotidiano escolar do filho, proporcionando uma visão mais esclarecedora quando se analisa as diversas faces do problema, com criteriosidade, como também apresentar possíveis soluções, promovendo meios de integrar os pais ao seio escolar em prol do êxito do educando.

A escola recebe todos os reflexos que ocorrem no meio social. A conjuntura atual da estrutura familiar mudou, significativamente, em comparação há um tempo atrás onde havia uma família padrão, composta de pais e filhos. Diversos fatores promoveram essa mudança que já são conhecidos e a escola sentiu diretamente esta repercussão.

As conseqüências são bens evidenciadas no cotidiano escolar, em que o professor tem que responder mais, além do que o desenvolvimento cognitivo do aluno sobrecarregando o mesmo de sua função.

Durante a realização da pesquisa percebeu-se algumas contribuições para que essa parceria Escola/Professor/Família pudesse facilitar esta relação como promover palestras, seminários com temas de interesse da comunidade, estabelecer diálogo para reconhecer a história de vida dos alunos, a valorização dos conhecimentos adquiridos e suas potencialidades. A família deve ficar atenta no processo de aprendizagem da criança, respeitando seu tempo sem levantar expectativas ou fazer comparações bem como aceitar sugestão da escola caso haja necessidade de diagnóstico de especialistas.

Por fim, espera-se que este trabalho venha a contribuir para aprimorar e acrescentar aspectos que favorecem a influência da família na aprendizagem escolar. Evidentemente, que muitos outros fatores, que aqui deixaram de ser bem abordados, poderão ser mais elaborados e direcionados em estudos futuros, pois o tema faz parte do cotidiano escolar e é pouco explorado.

ANEXO A: SAEB 2003 - 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Você vê sua mãe lendo?

DISCIPLINA		MÉDIA	% DE RESPOSTA
Língua Portuguesa	Sim	172,59	84,4 %
	Não	152,60	15,2 %
	Sem resposta	-	0,4 %
	Total	169,42	100,0 %
Matemática	Sim	180,40	84,8 %
	Não	159,52	14,6 %
	Sem resposta	-	0,6 %
	Total	177,13	100,0 %

Fonte: Inep/MEC 2004

Você vê seu pai lendo?

DISCIPLINA		MÉDIA	% DE RESPOSTA
Língua Portuguesa	Sim	173,12	70,9 %
	Não	160,83	28,4 %
	Sem resposta	-	0,7 %
	Total	169,42	100,0 %
Matemática	Sim	181,51	70,8 %
	Não	166,64	28,4 %
	Sem resposta	-	0,8 %
	Total	177,13	100,0 %

Fonte: Inep/MEC 2004

Quem é a pessoa que acompanha mais de perto sua vida escolar?

DISCIPLINA		MÉDIA	% DE RESPOSTA
Língua Portuguesa	Minha mãe	170,64	75,0 %
	Outra mulher da minha família	170,24	6,2 %
	Meu pai	170,78	10,5 %
	Outro homem da minha família	161,24	1,1 %
	Ninguém	153,59	5,3 %
	Sem resposta	-	1,2 %
	Total	169,42	100,0 %
Matemática	Minha mãe	178,44	75,3%
	Outra mulher da minha família	175,01	6,1 %
	Meu pai	179,42	10,3 %
	Outro homem da minha família	177,02	1,2 %
	Ninguém	159,57	5,3 %
	Sem resposta	-	1,1 %
	Total	177,13	100,0 %

Fonte: Inep/MEC 2004

Seus pais ou responsáveis conversam sobre o que acontece na escola com você?

DISCIPLINA		MÉDIA	% DE RESPOSTA
Língua Portuguesa	Sempre ou quase sempre	172,90	55,7 %
	De vez em quando	167,06	36,2 %
	Nunca ou quase nunca	156,32	6,8 %
	Sem resposta	-	1,2 %
	Total	169,42	100,0 %
Matemática	Sempre ou quase sempre	179,94	55,3 %
	De vez em quando	175,37	36,9 %
	Nunca ou quase nunca	166,86	6,8 %
	Sem resposta	-	1,0 %
	Total	177,13	100,0 %

Fonte: Inep/MEC 2004

Seus pais ou responsáveis cobram se você fez a lição de casa?

DISCIPLINA		MÉDIA	% DE RESPOSTA
Língua Portuguesa	Sempre ou quase sempre	173,95	63,8 %
	De vez em quando	162,66	25,4 %
	Nunca ou quase nunca	159,62	10,0 %
	Sem resposta	-	0.8 %
	Total	169,42	100,0 %
Matemática	Sempre ou quase sempre	181,04	63,2 %
	De vez em quando	172,25	25,8 %
	Nunca ou quase nunca	166,42	10,2 %
	Sem resposta	-	0.8 %
	Total	177,13	100,0 %

Fonte: Inep/MEC 2004

Seus pais falam para você não faltar à escola?

DISCIPLINA		MÉDIA	% DE RESPOSTA
Língua Portuguesa	Sempre ou quase sempre	171,54	86,0 %
	De vez em quando	155,42	8,9 %
	Nunca ou quase nunca	159,32	4,5 %
	Sem resposta	-	0.5 %
	Total	169,42	100,0 %
Matemática	Sempre ou quase sempre	178,43	86,4 %
	De vez em quando	167,61	9,0 %
	Nunca ou quase nunca	173,78	4,0 %
	Sem resposta	-	0.6 %
	Total	177,13	100,0 %

Fonte: Inep/MEC 2004

Seus pais ou responsáveis falam para você tirar boas notas?

DISCIPLINA		MÉDIA	% DE RESPOSTA
Língua Portuguesa	Sempre ou quase sempre	171,54	87,0 %
	De vez em quando	155,42	10,4 %
	Nunca ou quase nunca	159,32	2,3 %
	-	-	0,3 %
	169,42	100,0 %	
	Sem resposta		
	Total		
Matemática	Sempre ou quase sempre	178,43	87,3 %
	De vez em quando	167,61	10,2 %
	Nunca ou quase nunca	173,78	2,1 %
	-	-	0,4 %
	177,13	100 %	
	Sem resposta		
	Total		

Fonte: Inep/MEC 2004

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCINI, Roberto. **Como atrair os pais para a escola**. Nova Escola. São Paulo. Ed. Abril. Edição Nº. 166. P.38-39, outubro, 2003.

BRASIL, Distrito Federal. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo da educação básica das escolas públicas do Distrito Federal: ensino fundamental 1ª a 4ª. 2. ed.** / Secretaria de Estado de Educação. – Brasília: Subsecretaria de Educação Pública, 2002. 182p.

BRASIL. Lei Nº. 9394/96, de 24 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB**, Brasília.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**, Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

CORDIÉ, Anny. **Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar**. Tradução de Sônia Floch e Marta D'Agord. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 214p.

DONATELLI, Dante. **Quem me educa? A família e a escola diante da (in) diferença**. 1ª ed. São Paulo: Arx, 2004. 200p.

ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra? Reflexões Sobre a Avaliação e Fracasso Escolar**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. 198p.

ETAVE, Roberto. **Uma pedagogia para o homem**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 179p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 6ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997, Coleção Leitura. 168p.

GONZÁLEZ Rey, F. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson, 2003. 290p.

KELLEN, F.&. **Aprendizagem: teoria do reforço**. São Paulo: Herder, 1974. 73p.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares**. São Paulo:Ática, 1997.367p.

MARQUES, M. O. **Aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. 2.ed. Ijuí, UNIJUÍ, 2000. 139p.

MARQUES, Mário Osório & DALLEPIANE, Julieta Ida. **A Educação na Família e na Escola: Textos para reflexão e debate**, Ijuí-RS. Ed. Unijuí. 2002. 169p.

MITJÁNS, Martinez. **A Criatividade, personalidade e educação**.2.ed. Campinas: Papirus, 1997. 206p.

SMITH, Corinne & STRICH, Lisa. **Dificuldades de Aprendizagem de A à Z**. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

SOLÉ.I & COOL, C. Os professores e concepção construtivista. In César Cool (org). **O Construtivismo em sala de aula**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1999. 221p.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. 15ª.ed. São Paulo: Editora Gente,1998.171p.

WEIL, Pierre. **A Criança, O lar e a escola**. 16ª. Ed. Petrópolis. Vozes, 1994. p.153.

Educação e família. Disponível em: <<http://ines.org.br/revista/TEXT02.htm>> Acesso em: 22 mar. 2005.

Participação dos pais ajuda no desempenho escolar da criança. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/> Acesso em: 22 mar. 2005.